

Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão

Os brasileiros

Introdução de Zetbo Cunha Gonçalves

*Organização, seleção e notas de
Eduardo Coelho e Zetbo Cunha Gonçalves*



Edição apoiada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

As Farpas: algumas crônicas

[Esteve em Lisboa sua majestade imperial o senhor dom Pedro II do Brasil]

Esteve em Lisboa sua majestade imperial o senhor dom Pedro II do Brasil. É um príncipe extremamente liberal, que usa dos requintes democráticos com a mesma profusão luxuosa que um *dandy* poderia ostentar, nas suas gravatas, nas suas luvas ou nos seus perfumes. Põe a coroa na cabeça com a simplicidade despreocupada com que carregaria sobre a orelha um feltro de viagem. Mete debaixo do braço o seu ceptro com a sem-cerimónia simpática de quem trás um guarda-chuva. Deseja que o fulgor da realeza fira tão pouco os olhos, que aquele que o notar possa confiadamente aproximar-se e pedir-lhe o seu fogo.

O senhor dom Pedro II não põe somente a democracia na sua política e nas instituições do seu império. Também a põe nos seus hábitos, nos seus usos particulares, na sua conservação, nas suas maneiras, no forro do seu chapéu e na casa do seu paletó.

Se a democracia se pudesse converter em alimento, sua majestade imperial teria acabado com ela, comendo-a com pão.

Sua majestade imperial não aceitou hospedagem que lhe estava preparada no palácio de Belém,⁵ nem a estação de quarentena a bordo de um navio de guerra.

Preferiu a mesa redonda do Lazareto e um quarto no hotel Bragança.

Quis este notável e grande príncipe dar ao mundo o espectáculo cheio de lição e de moralidade de um soberano que principia o dia mandando perguntar se há cartas para o número marcado no anel do seu guardanapo, e o termina pondo as botas para engraxar fora da porta do seu quarto.

Quantos reis não invejariam — agora principalmente que o ofício se está tornando grave — o estranho prazer deste monarca, que, abancando a uma *table d'hôte*, larga das mãos as rédeas do governo para receber um palito de um estudante em férias, e passar a mostarda a um *commis en nouveauté*!

Durante os dias que sua majestade imperial se demorou em quarentena, todas as celebridades científicas e literárias de Lisboa deslizaram por entre as fumigações desempestantes do Lazareto.

Se ainda estivéssemos nos saudosos tempos em que os reis mimoseavam sempre com uma pequena dádiva os grandes homens de quem se aproximavam, sua majestade imperial, teria gasto em presentes o preço talvez das suas jóias! No lugar do senhor dom Pedro II, o rei Luís Filipe ter-se-ia arruinado em caixas de rapé.

5 A partir do reinado de dom Luís I (1838-1889), com início em 1861, o palácio de Belém tornou-se residência oficial para receber os convidados estrangeiros. Situa-se na praça Afonso de Albuquerque, em Lisboa; atualmente é a residência oficial do presidente da República.

Luís Filipe por diferentes razões não tinha espírito, e uma delas é que não precisava dele: tinha as caixas. Faziam-lhe um discurso, uma conferência, uma exposição, uma frase: ele mandava dar uma caixa de prata, uma caixa de ouro, uma caixa com pérolas ou com brilhantes. O senhor dom Pedro II cultivou o seu talento: é filólogo, é naturalista, conhece a história, a filosofia, a química, a medicina. De sorte que, quando um grande homem faz um discurso ao imperador, o imperador remunera-o fazendo um discurso ao grande homem. A ciência para os reis é, pelo menos, isto: uma economia de caixas de rapé.

Assim não houve presentes. Apenas se disse que o senhor Alexandre Herculano,⁶ tendo sabido que não era bom o azeite do Lazareto, oferecera a sua majestade imperial uma bilha do seu azeite do Vale dos Lobos. Parece porém que isto foi simplesmente um boato mercantil espalhado pelo senhor Martins, do Chiado, vendedor dos azeites do senhor Herculano. Não é perfeitamente garantido que sua majestade fosse a pessoa encarregada de temperar por sua imperial mão os refogados do Lazareto, e nesta dúvida — a não ser por mera invenção do dito senhor Martins, do Chiado — não era lógico que o senhor Herculano oferecesse a sua bilha senão ao chefe da cozinha.

Considerada, de outro modo, como *souvenir* do eminente escritor, uma bilha de azeite tem, a nosso ver, o inconveniente de se não poder engastar sem algumas dificuldades em um alfinete

6 Alexandre Herculano (1810-1877) foi escritor do romantismo português e historiador de notável importância. Entre suas principais obras, destaca-se *Lendas e narrativas*, publicada em 1851, que reúne alguns dos seus melhores textos ficcionais, como “A abóboda” e “A Dama Pé-de-Cabra”.

de gravata para sua majestade o imperador, ou no fecho de um bracelete para sua majestade a imperatriz.

Quando os grandes homens que foram ao Lazareto se despediam de sua majestade, pedindo-lhe as suas ordens, as quais ordens estávamos habituados a acreditar que não podiam ser senão as da Rosa ou do Cruzeiro do Sul⁷, sua majestade, dignava-se de responder requerendo mais grandes homens para o dia seguinte.

Concorreram centenas de sábios!

Sua majestade pediu a todos eles que lhe tornassem a aparecer no seu regresso a Lisboa. Receia-se que não podendo, pelas prescrições sanitárias da quarentena, examinar de perto a cada um dos imortais, o imperador receasse com certa plausibilidade que alguns deles fossem fingidos!

Se o imperador falando em Madrid com o rei Amadeu⁸ tocasse neste assunto dos nossos sábios, um dos dois príncipes se julgaria por certo mistificado. Porque sucede que os grandes homens ainda há pouco apresentados como tais ao rei de Espanha não são precisamente os mesmos que debaixo do mesmo título compareceram no Lazareto. Cá chamavam-se Alexandre Herculano, Castilho,⁹ Men-

7 Condecorações brasileiras.

8 Amadeu I de Savóia (1845-1890), rei da Espanha de 1870 a 1873.

9 António Feliciano de Castilho (1800-1875), primeiro visconde de Castilho, foi escritor do romantismo português, dedicado a questões sociais e pedagógicas.

des Leal,¹⁰ António de Serpa.¹¹ Em Madrid, chamavam-se Lobato, Mateus, Patrício, Rodrigues.

Dar-se-á que nós tenhamos sábios de exportação e sábios de consumo? Tomam nomes supostos para atravessarem a fronteira, ou mudam de nome para irem à outra banda? É o que naturalmente os dois soberanos se perguntariam.

No dia do desembarque do imperador em Lisboa, apareceu nas esquinas da cidade o seguinte textual cartaz:

PASSEIO PUBLICO GRANDE ILLUMINAÇÃO E FOGO DE ARTIFICIO

O empresario tendo ido pedir a
S.M. O IMPERADOR
a honra da sua presença n'esta noite, S.M. dignou-se perguntar-lhe se era muito longe, e tendo-lhe o empresario explicado a distancia por dois pontos da localidade do Rio de Janeiro, S.M. prometeu comparecer.

10 José da Silva Mendes Leal (1820-1886) foi diplomata, escritor ultra-romântico, jornalista e político português. Notabilizou-se como dramaturgo, quando, em 1839 e 1840, respectivamente, estrearam com muito sucesso, em Lisboa, as peças *Os dois renegados* e *O homem da máscara negra*.

11 António de Serpa Pimentel (1825-1900) foi um notável político português. Deputado, ministro, líder do partido Regenerador, chegou a ser o presidente do conselho de Ministros em 1890.

Como concorrentes à iluminação e aos artifícios de fogo do passeio público, onde vimos sua majestade o imperador, cumprenos agradecer ao empresário benemérito o ter-nos proporcionado essa honra por meio da explicação pelos dois pontos que fez a sua majestade.

Seria útil, — para que a população de Lisboa não fique alguma vez privada de ver os príncipes que nos visitem, nas iluminações do passeio — que a câmara municipal exija de todos os futuros empresários daquelas festas, o conhecimento perfeito da teoria dos dois pontos da localidade para explicar distâncias.

Se o empresário actual dá consultas particulares nos domicílios, e se não guarda só para monarcas o seu préstimo, sabemos de famílias que desejam interrogá-lo.